

Lotes para mudança atraem 1,2 mil invasores

Igor Germano
Da equipe do Correio

Como no tempo das diligências, a velha Belina é protegida pela polícia montada enquanto cruza as ruas poeirentas da cidade provisória. A mensagem, difundida pelos alto-falantes instalados sobre o teto do carro, é direta e objetiva: confie no xerife. No segundo dia de cadastramento dos invasores da Estrutural, mais de 1,2 mil famílias já deram mostras de que desejam mesmo é deixar essa história de *faroeste* de lado: parecem ter percebido a tempo que cenas de *banque-banque* só têm graça no cinema.

A invasão da Estrutural é como um mundo à parte, construído à margem da Estrada Parque Ceilândia (EPCL). No olhar de cada morador, revela-se o sentimento de insegurança e desconforto em relação ao futuro. Confusos e indecisos, eles balançam entre dois discursos completamente diferentes.

De um lado, chega a mensagem do governador Cristovam Buarque, que com uma mão oferece 500 lotes para a transferência das famílias e com a outra, fecha o cerco à invasão, tornando a vida cada vez mais difícil na Estrutural. Do outro, surge o canto sedutor de deputados da oposição. Eles garantem, com todas as letras, que os moradores permanecerão no local.

Quase metade das três mil famílias que vivem na área já demonstrou querer dialogar com o governo. No quartel da Polícia Militar construído na invasão, homens fardados têm atendido as pessoas interessadas em concorrer aos 500 lotes oferecidos.

Há 26 dias, o major Wolney Rodrigues assumiu o papel de xerife da cidade e passou a ser o administrador da invasão. Ele afirma que depois da última operação (de apreensão de materiais de construção e destruição das casas comerciais de alvenaria), os moradores estão mais calmos. "Enquanto houver candidatos

para os lotes vamos continuar o atendimento", adianta o major. "Nestes 26 dias, as construções pararam na invasão e os moradores se aproximaram mais da gente."

As barreiras montadas pela polícia na entrada da invasão e no aces-

BEBIDAS

Segundo Wolney, um dos principais problemas continua sendo o comércio de bebidas alcoólicas na invasão. Espalhados por todos os cantos, vários bares com mesas de sinuca na frente podem ser um indício de que os moradores estão bebendo algo mais do que a água armazenada nos tonéis coloridos amontoados na entrada das ruas.

Bebidas alcoólicas e mercadorias transportadas para abastecer o comércio da invasão podem estar furando o cerco da

sobre o número de barracos e construções de alvenaria vazios.

Aos olhos de um *estrangeiro*, tudo na invasão da Estrutural parece provisório. Mas os moradores aparentam estar acostumados à precariedade do ambiente. Meninos brincam de policial e invasor sobre os escombros dos comércios de alvenaria. A caixa d'água de metal, derrubada pelos tratores do governo na última operação, hoje serve de *play ground* para as crianças. Esquecidos da vida sob o sol seco da tarde, adolescentes jogam futebol em um campinho de terra.

A menina carrega, sorridente, um urso de pelúcia soterrado pelo barro. O morador liga o rádio do carro e deita-se no banco da frente. Duas mulheres com lenços na cabeça descem a rua carregando sacos plásticos. Lá longe, os cavalos da polícia aparecem escoltando a Belina branca. "Não perca sua última chance, não perca sua última chance..." A mensagem ecoa, e não pode ser ignorada.

"NESTES 26 DIAS, AS CONSTRUÇÕES
PARARAM NA INVASÃO E OS MORADORES
SE APROXIMARAM MAIS DA GENTE."

Major Wolney Rodrigues
Administrador da Estrutural

so próximo do Parque Nacional continuam funcionando. Todos os carros são revistados. Mercadorias que não sejam destinadas ao consumo próprio e armas são apreendidas. Os veículos sem documentação são recolhidos para o depósito da polícia.

polícia durante a noite. Wolney admite que as barreiras são menos ostensivas quando o sol se põe. Ele adianta que o próximo alvo da polícia serão os especuladores que atuam na invasão. Um fiscal da Administração do Guará está fazendo um levantamento diário